CASA DE CAMILO

Noites de Insónia

15 junho 2022

Formador: João Paulo Braga

In: *Vinte Horas de Liteira*, de Camilo Castelo Branco.

V

HISTÓRIA DAS JANELAS FECHADAS HÁ 30 ANOS

– Conta-me agora uma história sem dinheiro – pedi eu ao meu amigo.

– Queres então uma história sentimental?

– Isso.

– História de sentimento aldeão? Eu não posso contar de outras. Bem sabes que da vida das cidades nada sei.

– Vejamos: pode bem ser que me vás referir coisas muito originais!

– Onde tu vens! .. originalidade!

– Onde devo ir. Nas cidades é que já não há sentimento de originalidade nenhuma. As paixões de lá, boas e más, têm tal analogia, que parece haver uma só manivela para todos os corações. Esta identidade é grande parte na monotonia dos meus romances. Há duas ou três situações que, mais ou menos, ressaem no enredo de vinte dos meus volumes, cogitados, estudados, e escritos nas cidades. Quando quero retemperar a imaginação gasta vou caldeá-la à incude do viver campesino. Avoco lembranças da minha infância e adolescência, passadas na aldeia, e até a linguagem me sai de outro feitio, singela sem afectação, casquilha sem os requebrados volteios, que lhe dão os invesados estilistas bucólicos. Assim que descaio em dispor as cenas da vida culta, aí vem a verbosidade estrondosa, o tom declamatório, as infladas objurgatórias ao vício, ou panegíricos, tirados à força da violentada consciência, a umas inocências e virtudes, que me têm granjeado descréditos de romancista da lua. Conta-me, pois, uma história sentimental, meu amigo.

– É a história das janelas fechadas há trinta anos.

– *História das janelas fechadas há trinta anos!* Aí está já um título original, se me não engano!

– Foi assim o caso. A cena passa-se na minha freguesia. Eu conheço a tia Felicidade Perpétua, o nome que eu conheço mais contraditório com a vida de sua dona. É uma mulher de cinquenta anos, lavradora remediada, e o mais bela que pode ser mulher de cinquenta anos, com uma paixão de alma, e no tráfego da lavoura, em que a beleza se vai depressa.

Há trinta e dois anos que ela era um modelo para Rafaéis que não pudessem fantasiar belezas. Agora mesmo, acontece-me fitá-la com não sei que ternura, e digo muitas vezes a minha mãe:

– Não há cinquenta anos assim! – «Se tu a visses, quando ela ia de Santa Madalena nas procissões!...» – responde minha mãe.

Começando pelo principio, deves saber que Felicidade Perpétua era filha única de um lavrador, cujos bens valeriam entre vinte e cinco a trinta mil cruzados. Criou-a mimosamente o pai, receando que a vida do campo lhe danificasse a delicada compleição. Contava casá-la com lavrador igual em haveres, poupando-a assim a entender no amanho da lavoura. Excelentes casamentos se lhe ofereceram; mas Felicidade, voluntária senhora na escolha, declinava de si o arbítrio, aceitando constrangida o marido que lhe desse o pai.

Com a casa deste lavrador defrontava o maior proprietário da minha freguesia naquele tempo. Era homem de setenta anos, sem família, e cismático. Diziam lá que o pecado lhe amargurava o inverno da vida, traspassando-lhe de remorsos o coração, e enoitecendo-lhe os últimos anos com a escuridade das sombras eternas. Este homem,

aos quarenta e tantos anos, abandonara uma mulher com uma filha ao peito. A abandonada acabara de desgosto e miséria; a filha ninguém sabia se morrera obscura como nascera, se mão caritativa a levou de entre os andrajos em que morreu a mãe.

– Que tristeza de história! – atalhei eu. –Não tu pedi tão sentimental!... Vai-se parecendo com as histórias das cidades... Eu cuidei que não havia disso nas aldeias, meu amigo!

– Então retiro o conto?

– Já agora... Mas carrega o menos que puderes as cores negras. Esse teu estilo vai-se parecendo com o meu. Quando me falaste da Madalena das procissões, cuidei que me ias encher o peito dos aromas de rosmaninho e alecrim dos espectáculos religiosos do teu alegre Minho. De repente, desluzes a minha expectativa com uns andrajos [6] em que morre uma mulher desvalida com uma filhinha aconchegada do seio morto!... Ora, pelo amor de Deus!... és muito pior romancista que eu!... Se tu visses em que conjunturas eu tenho escrito as novelas, que fazem chorar tua senhora!... Basta dizer-te que escrevo sempre à luz do crepúsculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidíssimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os meses esplêndidos do ano, é um continuado começo de noite. Desta escuridade, muitíssimo de entristecer, difundida em volta de mim, de força a minha imaginação há-de sentir-se. A terra sem o sol é uma coisa de fazer pena e aflição, como se ela houvesse de voltar ao caos primitivo: assim é sombria a alma, que não pode banhar-se nos oceanos de luz, que os teus olhos fitam sem dor. Eu afiz-me a ver uma quase noite no mundo exterior: o meu mundo subjectivo está povoado de imaginações escuras. Tu, porém, meu amigo, tão feliz, tão sadio de olhos, tão em contacto com o sol, com as árvores, e ribeiros, e flores, onde aprendeste essa linguagem plangente?! Se me descrevesses os júbilos da peregrina Felicidade sem me contares que o lavrador vizinho desamparou a mãe de sua filha...

– É um episódio necessário ao enredo da história.

– É? Então, vais agora dizer-me que o lavrador, picado pelo remorso, foi à procura da filha...

– Não: o lavrador, como se visse sozinho, tomou para feitor um afilhado, filho de um jornaleiro. Este rapaz, que é velho hoje, e se chama Lourenço Pires, foi no seu tempo um gentil mocetão, tocava clarinete nas chulatas, era o benquisto das malhadas e espadeladas, homem para o seu homem, estimado das raparigas, e amado de algumas, que, por amor dele, se fingiram endiabradas para não casarem à vontade dos pais.

Perpétua amou Lourenço. A esquiva, tão requestada dos lavradores abastados, a senhoril menina, que parecia enfeitar-se para levar o seu dote a uma casa de brasão, amou o feitor do seu vizinho. Contam os velhos que Lourenço, nas noites calmosas, quando o padrinho se fechava com o seu remorso no quarto mais recôndito do vasto casarão de cantaria, saía ele ao rossio, copado de carvalhos gigantes, e aí, sentado num toro de madeira, cantava ao arpejo da viola esta e outras coplas sensibilizadoras:

Já fui canário do rei,
Já lhe fugi da gaiola;
Agora sou pintassilgo
Destas meninas de agora.

Parece que é este o estilo que queres...

---

[6] Na 1ª ed.: *despenhas a minha expectativa mina andrajos*.

– Assim vais melhor. Essa tolice é muito mais sincera que outras maiores que se escrevem nas cidades.

– É o que eu ia dizer, se o não dissesses tu: e o primeiro exemplo, que me acudia à memória., eras tu mesmo.

– Eu?! obrigado!... Aproveito a ocasião de saber quando fui mais tolo que o ar. Lourenço Pires.

– Quando escreveste e publicaste uma poesia com estes três versos:

Sou um mártir do amor;
Sou um anjo sofredor;
Nem um prazer me sorri!

Isto é teu?

– Deve ser: não há parvoiçada que eu não tenha escrito.

– Pois bem: Lourenço Pites, dizendo que era pintassilgo, foi menos irrisório que tu, dizendo que eras anjo. Anjo, tu!... que anjo!... No tempo em que decretaste a tua *angelização,* foi que eu te conheci a comer ostras cruas na Águia de Ouro. Olha se te lembras!... Comecei então a descrer dos poetas, e a crer nas ostras...

– Lembro-me muito bem, meu amigo. Foi então que eu estraguei o fígado e o baço. Os três versos, que ultrajas com sensata ironia, revelam amolecimento de cérebro. Ora agora, quando entenderes que o anjo está sobejamente castigado, conta-me a história do pintassilgo.

– Foi amado, amado como todos os tolos, que vão direitos ao coração da mulher por caminhos desembargados de senso comum.

Lourenço, animado por ela, pediu-a ao pai.

O velho cuidou de morrer de assombro e angústia, quando Felicidade Perpétua lhe disse que não casaria com outro... Agora vais ouvir um relanço tristíssimo deste conto. Dir-to-ei breve e secamente. Passados alguns meses, a moça, coberta de lágrimas, disse ao pai o quer que foi tão aflitivo, que o velho saiu a brados pelos campos além e, passou três dias e três noites fora de casa. Trouxeram-no em uma maca, já quando a febre lhe tirara o tino. Viu a filha, e não a reconheceu. Cobrou os sentidos para perdoar-lhe; e, perdoando-lhe, expirou.

Perpétua desfez-se em pranto sincero; mas a vindicta pública, apesar do perdão do pai, não lhe perdoou. A desgraça da rapariga era notória. Saíram contra ela as mães de famílias, apontando-a como exemplo, e escalavrando a chaga da desonra para lhe tornarem mais visível o esqualor e a fealdade aos olhos das filhas. Estas, que a tinham em ódio à conta dos seus ares de senhora e jeitos dengosos, vingavam-se enxovalhando-a com remoques e risos.

Perpétua apressou-se em correr os banhos para casar com Lourenço Pires. O rapaz, contente dos sucessos que lhe trouxeram à mão uma bela moça e uma boa casa de bens, foi falar ao abade, e apresentou as suas certidões.

Na primeira dominga, quando o abade acabava de ler o proclama, saiu de entre o povo uma rapariga de outra freguesia; e, parando no arco da igreja, apregoou que Lourenço Pires lhe prometera casamento com aleivosia e roubo de sua honestidade.

Houve grande reboliço. Perpétua, que assistia à missa no recanto escuro de entre a pia de água-benta e o confessionário, saiu da igreja em soluços. Lourenço...

– O pintassilgo... – atalhei eu com rancor ao maldito, que devia, na ordem das aves, chamar-se abutre.

– O pintassilgo também se escoou por outra porta a fumegar de raiva. O abade aquietou a desordem e chiadeira das mulheres, que meteram a riso o escândalo, e

continuou a missa. Depois, chamou a mulher, que saiu aos banhos, arrolou testemunhas, e instaurou o processo, que foi para a câmara eclesiástica de Braga.

Perpétua foi procurar o valimento de minha família, e desamparou a casa. Meu pai foi em Braga o solicitador da demanda de Lourenço Pires. As provas contra o sedutor eram frouxas, e contraminadas por testemunhas, que depunham contra a honestidade da atravessadora. O processo, vilipendioso acervo de vergonhosas publicidades [7], como costumam ser estas reclamações da chamada honra, esteve mais de um ano sem despacho. No entretanto, Felicidade, escondida à zombaria estúpida e cruel do gentio da aldeia, achou misericórdia em minha mãe, e olhos de piedoso amor para a verem com um filhinho nos braços, do qual foram padrinhos meus pais.

Neste tempo, de uma terra, dez léguas afastada da nossa, veio um padre procurar o lavrador, padrinho de Lourenço.

Este padre veio dar ao homem dos remorsos a nova da existência de uma mulher de vinte e tantos anos, filha de uma tal Quitéria, que, antes de morrer, numa aldeia das abas do Gerês, pedira a outro padre que lhe escrevesse a sua história, para, a todo tempo, a filha saber quem era seu pai. A qual história, o padre, que a escreveu, conservou em seu poder para entregá-la à moça, quando ela soubesse dar valor à notícia do seu nascimento. Como quer, porém, que o historiador falecesse, antes do tempo oportuno para confiar da rapariga o importante escrito, e a família do falecido nenhum caso fizesse do papel envolvido noutros sem valia, decorreram vinte anos até que outro clérigo da mesma família, examinando papéis velhos que as tias destinavam ao forro das massarocas de fiação, encontrou aquele, e averiguou com grande custo a residência de Maria, filha de Quitéria.

De paragem em paragem, foi encontrá-la na, comarca de Montalegre, servindo uns lavradores, com bom conceito, e estimação de seus amos. Outro padre desta família tomou conta do escrito, ditado pela moribunda Quitéria, com tais pormenores, que o velho lavrador, ouvindo a leitura dos conselhos que o historiador, porventura, em nome da desgraçada mãe, dava de além-túmulo a sua filha, rompeu em clamores e confissões, pedindo que lhe trouxessem a sua filha com brevidade, antes que o demónio o colhesse, sem ele merecer o perdão de suas culpas enormes.

Volvidos poucos dias, o rico lavrador recebia em casa a filha, e, no delírio do seu contentamento, lançava-lhe ao pescoço quatrocentos mil réis de cordões de ouro, com uns corações tamanhos, que o arquejar do peito alvoroçado da moça não os fazia sequer tremer.

Maria Martins era, desde esta hora, a maior herdeira daquela corda do Minho; mas, em desconto, podia gabar-se de ser a mais feia mulher da província.

Ainda agora, quando a encontro, digo entre mim: «Enquanto esta mulher viver, o horror ideal da fealdade humana é impossível!»

Era a cara do pai, segundo dizem, correcta pelas parcas.

*
* *

– Este demónio – continuou António Joaquim – namorou-se do afilhado de seu pai. Era Lourenço Pires um bruto fatal! Se não fosse o sortilégio da viola e do clarinete, eu havia de cuidar que ele expedia dos olhos torrentes magnéticas! Pelos modos, mulher que o encarasse a fito, sentia-se logo empestada de amor.

Maria Pires, sem embargo do pleito litigado em Braga, não teve mão de si.

---

[7] Na 1ª ed.: *divulgações*.

Declarou-se ao pai, que não achou despropositada a declaração: contudo, observou-lhe que Lourenço havia de casar com uma das duas raparigas, assim que se decidisse a questão em Braga.

Não desistiu Maria, nem Lourenço se esquivou aos avanços cariciosos da ricaça, que, todos os domingos, com beneplácito do pai, atacado de idiotia incipiente, se arreava de ouro, e punha quatro lenços de seda escarlate uns por cima dos outros.

Diz-me tu se Lourenço era fatal ou não!... Alguns morgados, com perdão de seus preclaros avós, foram pedir Maria. O lavrador deixava a decisão à filha; e ela, com o desplante de mulher fascinada, dizia que o escolhido do seu coração era Lourenço.

Uma vez estava ele na eira assoalhando uns feijões, e Maria andava na horta colhendo couves.

Que painel inédito! Se os paisagistas se aproveitassem desta encantadora coisa!

Maria, ao saltar o portelo da horta para a eira, deixou cair do regaço um ramo de flores muito feias, que a natureza fizera para ela: eram girassóis e malmequeres. Lourenço reparou, e disse com intenção:

– Pra quem é o ramo?

– Pra quem o merece.

– Não sou eu?

– Ou será ou não.

– Veja lá o que diz, srª Mariquinhas!

– O que disse está dito, sr. Lourenço.

Neste momento, a questão de Braga decidiu-se contra as duas litigantes. O filho do jornaleiro alongou os olhos da alma por sobre as cortinhas, e leiras, e montados da futura herdeira de Joaquim Marfins. «Tudo isto pode ser teu!» – disse o demónio à alma abjecta do vilão. E logo a fisionomia meiga e lagrimosa de Felicidade sumiu-se nas costas da mazorra mulher, que se ficara a deliciar-se na contemplação do alarve querido. Levantara ela as flores do chão, e deu-lhas com um sorriso alvar que faria chorar de nojo um sátiro. Lourenço pendurou as flores nas casas dos botões do colete, e disse umas graçolas amoráveis, com que a rapariga saiu dali contendo a custo as cabriolas do coração. Contou ao pai o sucedido; e o velho, cada hora mais tonto, alegrou-se com a rapariga.

A relação eclesiástica dispensou no casamento de Lourenço com Felicidade. Meu pai fez saber a. fausta nova ao rapaz, que se mostrou pouco alvorotado com a notícia. A jubilosa mulher, nosso hóspeda, foi logo para sua casa, com o filhinho de oito meses, tratar dos preparos domésticos para receber o esposo. O abade, sem consultar o contraente, leu o segundo banho. Lourenço desaparece então da aldeia, e ninguém sabe o seu destino.

Dizia-se que ele, arrastado pela mão da Providência, fora casar-se com a primeira seduzida. Felicidade voltou para casa de minha mãe em desesperadas ânsias.

Passados dias, sabe-se que Lourenço, mediante algumas peças tiradas da arca do padrinho por mão da presuntiva herdeira, conseguira em Braga licença para. casar-se com Maria Martins em qualquer freguesia do arcebispado. Quando a nova chegou, já o cínico estúpido estava casado. Alguns parentes de Felicidade fazem-lhe cerco à casa para o matarem. O pai da noiva ouve os tiros, que lhe lascam as janelas, e perde de todo o tino. Da demência à morte mediaram poucos dias.

Lourenço fugiu com a mulher para uns bens que tinham em Cabeceiras de Basto, e por lá ficam um ano.

Neste decurso de tempo, Felicidade, cuidando que se vinga, pensa em casar-se. O extremo da angústia é isto: a morte não é tanto.

Encontra um marido: é o filho de um lavrador pobre, uma boa alma que a

Providência lhe teria enviado, se a Providência costumasse colaborar nestes romances do género humano, com peripécias sem originalidade nenhuma. Este homem acaricia o filho de Felicidade com paternal ternura. Se a vê chorar, quer beber-lhe as lágrimas; mas ela chora sempre. E, depois, a penitente não permite que se abram as janelas que defrontam com a casa de Lourenço Pires. O marido respeita a vontade imperiosa de sua mulher; e nunca mais a luz do sol aqueceu o pavimento húmido daquela casa.

Trinta anos rodaram: Felicidade envelhece: tem já filhos homens; as portadas da janela já estão carcomidas; mas nem uma só hora entrou por elas o ar aos quartos, que se vão desfazendo e ruindo a pedaços.

São, pois, passados trinta anos.

É tempo de irmos procurar em casa de Lourenço Pires a justiça do céu.

Teve ele quatro filhos de sua mulher Maria Martins.

Falaremos, primeiramente, da mulher. A alma parece que andava à competência com o corpo a ver qual se tornava mais repelente. Assim que viu o marido atassalhado de remorsos, que lhe tiraram não só a graça, mas até a embocadura do clarinete, começou a agarrochá-lo com interrogações brutais, a que ele, numa hora de impaciência, respondeu com alguns murros. Com o andar dos tempos, e o crescimento da bílis derrancada da mulher, o exasperado marido apelou do murro para o pau, e moeu-a, como quem aligeirava, sovando-a, o peso dos seus pecados. Afinal, a derreada criatura amoleceu de condição, e fugia já do marido como de um furioso. Lourenço, assim que enxergava Felicidade, com os seus sete filhos, alegres, e em volta da mãe como sete serafins consoladores, escondia-se para chorar, e fugia para que ela o não visse. Uma vez, quando o primeiro filho de Felicidade passava sozinho por ele, quis abraçá-lo; mas a criança de sete anos partiu de corrida chamando a mãe a grandes brados.

Os quatro filhos legítimos de Lourenço eram como os quatro cachorros de um casal de lobos. Desde a infância denotaram ferocidade de instintos. Dentavam-se uns aos outros, e mordiam a cara da mãe.

O pai destinara um ao sacerdócio, outro à medicina, outro a leis, e o quarto para senhor da casa.

O mais velho, aos dezoito anos, depois de dar irrefragável testemunho da sua incapacidade para as letras, entrou na carreira das armas. Passado um ano de vida suja de escândalos e bargantarias do último plebeísmo, obteve a baixa, e apresentou-se em casa reclamando dinheiro para negociar em aguardente. O pai temeu-o, e deu-lhe dinheiro, que ele desbaratou na libertinagem, e voltou para casa, a furtar o que de boa vontade lhe não davam. Este era o filho destinado para o sacerdócio.

O médico em perspectiva, reprovado no primeiro ano, bestificou-se com a embriaguez de três anos sucessivos, em que não voltou a casa. Foi o pai levantá-lo dos chiqueiros de Coimbra, e trouxe-o para si. O rapaz continuou na vinolência; e, num dos frequentes acessos, abocou uma davina à cara do pai, cedendo-lhe a vida a troco de um garrafão de jeropiga. Este desgraçado teve a felicidade de morrer afogado num poço, onde quis refrigerar as escandecências da embriaguez.

O terceiro filho, enviado a estudar leis, consumiu seis anos em preparatórios, e fechou o curso com três *rr* em latim. Recolheu a casa denominando-se doutor. O pai abraçou-o, intitulando-o a sua consolação. Um dia, como fosse a Braga, e falasse no seu filho doutor, um informador sem alma contou-lhe as proezas do rapaz. Lourenço exprobrou a mentira ao filho, enfuriou-se, quis tirar-lhe a formatura das costas com um estadulho; mas o latinista dos sete anos lançou mão ao bacamarte do irmão de avinhada memória, e respondeu com heróico peito ao fueiro ameaçador.

O quarto filho, destinado a ficar na casa, foi a uma romaria, viu lá uma cantadeira de boas lembranças, gostou do engenho trovista da moça, e apaixonou-se. Seguiu-a à

sua freguesia, sem impedimento de lhe dizerem que ela era uma pobre jornaleira, viciosa, e desprezível. Levou-a consigo para a terra, e pediu ao abade que os casasse. Lourenço, avisado desta ignomínia, fez arrebatar a moça do casebre em que vivia, O filho foi rebuscá-la, depois de ter roubado os cordões da mãe, e o mais que pôde. Andou por esse mundo seis meses, e voltou com ela mui legalmente casado, a residir na companhia da mãe, que se escondia nas tulhas aterrada das ameaças da nora.

A casa do opulento lavrador, pai de Maria, está reduzida a menos que os bens de Felicidade Perpétua.

Lourenço Pires faz compaixão à gente que lhe votara ódio. Os três filhos, todos empobrecidos, insultam-no. E ele, ferido de demência, treme no meio deles, ou foge assim que lhes ouve os passos.

Quando dá de rosto nas cinco janelas fechadas da casa fronteira, muge como touro farpeado. A outra mulher, que ele havia perdido, mendiga coberta de farrapos, espera-o, espreita-o, aparece-lhe de repente, e solta-lhe em face uma gargalhada, que o afugenta. Isto repete-se todas as semanas há dez anos. E este homem vive! Tem cinquenta anos; o cavado do rosto e curva da espinha denotam a decrepidez do criminoso, acorrentado ao cadafalso da vida, O desprezo dos filhos até o pão lhe nega. Dizem-me que este desgraçado tem tido fome. Se vai queixar-se às justiças, incute piedade; mas ninguém ousa bater às portas dos três corações de bronze, que saíram das entranhas amaldiçoadas de tal pai.

Agora, vamos a casa de Felicidade Perpétua.

As lágrimas desta mulher, em cuja face brilha o resplendor da penitente perdoada, caem no regaço de suas humildes filhas. O mais velho, querido dos filhos de outro pai, é o director dos trabalhos da lavoura, e o mais trabalhador na casa, que toda é de seus irmãos, ou onde ele tem pequeníssimo quinhão. Há muitos anos que morreu o marido de Felicidade; e, à última hora, pediu a sua mulher que poupasse muito para deixar bem o filho, que não era dele.

Três meninos foram para o Brasil, e todos prosperaram, guiados pelos ditames da honra. Parece que aporfiam em brindar seus irmãos e mãe com dádivas e dinheiro, com que a casa se vai aumentando. O seu irmão mais velho é contemplado sem distinção dos outros. As raparigas são as pérolas da minha freguesia: a formosura desaparece nelas, quando a gente as contempla na beleza da virtude.

E, ainda assim, as janelas nunca mais se abriram, e Felicidade ainda tem lágrimas!

Eu queria poder dizer-te o que vai naquela alma de misteriosa angústia, quando improvisamente lhe aparece Lourenço Pires, o ancião, cujo tardio andar é como se levasse de rojo a pedra da sepultura, procurando terra onde esconder-se com a sua dilacerante agonia.

Não sei o que ela pensa.

Presenciei um dia que minha mãe, na presença de Felicidade, lastimava o miserável fim de Lourenço. A triste mulher pôs as mãos suplicantes, e disse: «Deus sabe que eu lhe peço todos os dias que leve para si aquele infeliz!»

De outra vez me disse minha mãe que ela ordenara ao filho que não fugisse de seu pai; pelo contrário, lhe falasse com amor.

Depois disto, vi eu, numa fechada mata onde andava caçando, Lourenço Pires sentado à beira de seu filho, que o contemplava silencioso. O ancião, de vez em quando, tomava-lhe as mãos, e beijava-lhas, balbuciando palavras que eu não pude entender.

Perguntei ao afilhado de meu pai o que lhe dizia o velho. Respondeu-me que eram palavras desatadas; mas que chorava muito, e lhe pedia perdão.

Aqui tens a história sentimental. Deus me livre de a ler em seis volumes escrita por ti, e Deus livre os teus leitores de que este conto lembre à tua memória, quando

tiveres a imaginação cansada.

Estamos na Amarante – acrescentou António Joaquim. – Apeemos da liteira, e vamos aqui procurar o nosso Vasco Peixoto, que é o proprietário de um torrão, transportado do paraíso terrestre, com uma planta de pêssegos. Não sei se frei Bernardo de Brito o assevera; mas os pêssegos de Vasco Peixoto são descendentes por varonia daquele pomo que fez pecar Eva e seu marido [8].

[8] Vasco Peixoto já não vivia, quando este livro entrava em reimpressão. Oxalá que seus herdeiros não descultivem os celebrados pessegueiros, que ficaram rememorando o préstimo do seu esmerado cultor.

Há muito quem de si não deixe tão gratas memórias. As folhas de uma árvore tão docemente produtiva dizem mais em louvor de quem a plantou que as folhas do mais encomiástico livro. *(Nota do A. na 2ª ed.).*